



# AMOR DE VERÃO

JENNY  
McLACHLAN

«Uma história  
fabulosa, muito  
divertida e repleta  
de ternura.»

*Para o Ben, que é tudo para mim*



Estou escondida no roupeiro do meu quarto com o ex-namorado da minha irmã. Esta pode muito bem ser a pior decisão que já tomei na vida.

Lá em baixo, a minha família só faz barulho. O meu pai bate panelas e diz «*spaghetti* à bolonhesa» com um sotaque italiano pavoroso, a Britta está a ensaiar ao piano e a minha mãe bate portas e chama aos gritos, «Kat, Kat!».

— Porque é que estamos escondidos? — bichana o Joel.

— Chiu! — mando eu, e ponho-me à escuta quando a minha mãe sobe a escada à minha procura. Pelas ripas

da porta do roupeiro, vejo-a olhar para dentro do meu quarto. Depois diz em voz alta:

— Não a encontro em lado nenhum.

— *Spaghetti* à bolonhesa! — brada o meu pai, e ouço-lhe as passadas pesadas nos degraus. Oh, não. Tenho um mau pressentimento.

Ao meu lado, o Joel começa a mexer-se.

— Quietinho — mando eu, num sibilo. — O meu pai fica um pavor quando perde a paciência. — O Joel petrifica quando o meu pai entra no quarto. Está em cima do meu tapete com as mãos nos bolsos de uns calções de corrida horrorosos, daqueles abertos de lado a mostrar montes de coxa peluda. Ele vestiu-os para ir à noite dos pais da Britta. Como é possível?

Sustenho o fôlego e tento fazer-me pequenina. O meu pai gira nos calcanhares, de olhos franzidos e, por momentos, parece olhar a direito para mim. Depois vejo a *Pinky* a entrar no quarto. O meu pai olha para ela e encolhe-se todo quando ela se roça na perna dele. Não lhe faz festas. A *Pinky* ficou sem pelo numa briga com uma raposa e ninguém gosta propriamente de lhe fazer festas. Ela afasta-se do meu pai com patinhas de lã, avança para o roupeiro e começa a farejar as ripas. Vai-te embora, *Pinky*! Mesmo quando estou a pensar que o meu pai vai abrir as portas de supetão, a minha mãe grita:

— Vai ver ao jardim — e ele sai do meu quarto.

O fôlego sai-me de rajada. Sou tão parva! Porque é que não fechei só o Joel no roupeiro? Não era preciso ficar com ele: é normal eu estar no meu quarto! Ao meu lado, o Joel muda de posição e sussurra:

— Se calhar devíamos...

— Chiu! — mando eu. — Ele pode voltar. — Ficamos sentados em silêncio por uns instantes. — Pronto. Foi-se embora. Eu vou descer e depois venho buscar-te quando for seguro saíres. Tens de esperar até estarem todos deitados.

— Mas eu disse à minha mãe que ia passear o cão.

Olho para a cara do Joel nas sombras. Não me lembro de ele ter uma voz tão lamurienta quando namorava com a Britta. Provavelmente, alheava-me disso e concentrava-me no penteado dele. O problema é que, às escuras, não lhe vejo o cabelo espetacular, mas ouço-lhe a voz.

— Não pode ir mais tarde?

— Ele tem síndrome do cólon irritável. Não é nada bom quando não o levam a passear regularmente... — O hálito do Joel sopra-me quente no rosto e cheira a queques de chocolate. Quando ele apareceu esta tarde a perguntar pela Britta, com ar de modelo na t-shirt justinha da Levi's, deixei-o entrar para ficar à espera dela. Depois dei-lhe um queque e perguntei-lhe se queria ouvir música no meu quarto, e foi assim que acabámos dentro deste roupeiro. Neste momento, ele está a ofegar açúcar na minha cara e a mim custa-me respirar.

— Joel — digo, afastando-me dele, — tu comprehendes que, se os meus pais te apanharem aqui, eu estou *tramada*?

— Porque sou rapaz?

— Sim, porque és rapaz... e namoraste com a minha irmã. Além disso, tens 18 anos e eu tenho 15. Mais, fiz umas coisas recentemente que não lhes agradaram nada.

— Tipo o quê?

— Faltei a Educação Física umas duas vezes. Não faria mal nenhum, se a vizinha não me tivesse visto a apanhar sol na relva à porta do centro comercial e contado à minha mãe. Eu disse que preferia bronzear-me a ficar fechada a jogar pingue-pongue, coisa que a minha mãe até percebeu, mas depois houve o furto na loja.

— Tu roubaste uma loja? — A voz esganiçada do Joel fica mais aguda.

— Era só um *smoothie*, e perdi a malinha da minha mãe.

— Ena! A Britta dizia sempre que tu fazias...

— O quê?

— Bem, coisas estúpidas.

A minha irmã é cá uma cabra.

— Não foi tão mau assim — digo, tirando um sapato de salto alto de debaixo do rabo. — Roubar o batido não foi de propósito. Saí a correr da Marks and Spencer's quando me apercebi de que tinha deixado a mala

da Prada da minha mãe no provador e esqueci-me de pagar o *smoothie*.

— Prada parece-me coisa cara.

— E foi, centenas de notas, caríssima. Foi uma prenda do meu pai quando ela fez 40 anos.

Lembro-me da cara da minha mãe quando me foi buscar à Marks and Spencer's e do quanto chorava no caminho para casa. Não era pela mala. Ela disse que era por me ter visto sentada no gabinete do gerente «como uma criminosa». Quando lhe perguntei se podíamos passar pelo McDonald's para comprar um batido, já que eles não me tinham deixado ficar com o *smoothie*, ela *passou-se*.

Passado um momento de silêncio, diz o Joel:

— Eu não te acho estúpida, Kat. Aliás, gosto mesmo de ti.

— O quê? — pergunto, num sussurro.

— Gosto de ti. Até gostava de ti quando namorava com a Britta.

Fico ali sentada num silêncio aturdido. Ena. Há tanta coisa errada nisto. Agora é que estou mesmo ralada que a Mamã e o Papá o descubram aqui! O Joel mexe-se para ficarmos com as caras a centímetros de distância. Tento recuar, mas não tenho por onde.

Isto é tudo culpa da Britta. Quando se foram embora para a noite dos pais na escola, a minha mãe disse, «Vamos fazer figas para os stores dizerem coisas mais

simpáticas do que disseram da Kat!». E desataram a rir-se porque a Britta é um génio, obviamente que diriam coisas melhores sobre ela. Eu sou o contrário de génio. Sou a ladra de *smoothies*. Quando vi o Joel à porta, convidei-o a entrar para dar uma lição à minha família. Não sabia bem que lição seria essa, mas sabia que ficariam aborrecidos por ver o Joel no meu quarto. Porém, assim que ouvi a Britta bradar, «Já cá estamos!» soube que tinha cometido um erro crasso, e foi assim que acabámos aqui dentro.

Às escuras, o Joel encontra a minha mão e aperta-ma.  
— Quero dizer que gosto *mesmo* de ti...

— Ah — digo, e engulo em seco, mas se calhar soa a «Hum», porque ele põe o braço à minha volta e desata a esfregar o nariz no meu cabelo. Tenho de sair daqui! Mexo em vestidos e camisolas, tento enfiar os dedos num intervalo da porta mas, quando me debruço, ele começa a *beijar-me*.

Quer dizer, está a beijar-me a orelha.

Será que conta para beijo? Se contar, é o meu terceiro beijo de sempre. O beijo na orelha do Joel é molhado e porquinho. Parte de mim quer parar imediatamente, mas há uma parte maior que sabe que isto vai ser uma história mesmo gira para contar às amigas, porque tenho praticamente a certeza de que ele pensa que me está a beijar na boca.

De repente, o Joel sopra e faz-me tantas cócegas que desato a rir-me. Nisto, ouço passos no meu quarto, a porta



do roupeiro escancara-se e eu tombo para a frente na alcatifa. Caem-me em cima o Joel e algumas caixas de sapatos.

Olho para o meu pai e pestanejo por causa da luz intensa.

— Desculpe! Desculpe! — exclama o Joel, tentando desesperadamente desenredar o botão da camisa preso ao meu cabelo. Depois entra a *Pinky*, seguida da minha mãe e da Britta. A *Pinky* começa a morder-me os dedos dos pés, a Britta abre a boca e tapa-a com a mão, mas a minha mãe nem sequer parece admirada. Limita-se a abanar a cabeça e a dizer:

— Oh, Kat, como foste capaz?

Literalmente o que ela disse no Marks and Spencer's.

Depois cometo o segundo grande erro da noite: desato a rir-me... não consigo parar.



Uma hora mais tarde, deixei de me rir. O Joel foi para casa — o meu pai deu-lhe caça pela estrada fora, aos berros, o que só pode ter sido uma experiência péssima — e eu estou aqui sentada no meio do sofá. A minha mãe está enrolada no pufe de pele de carneiro a roer as unhas e o meu pai anda de um lado para o outro do quarto.

— A mãe e eu estivemos a conversar, Kat, e chegámos a uma decisão.

— A mãe? — repito, com uma voz afetada. — A mãe de quem?

O meu pai olha-me fixamente e respira fundo pelo nariz. Deixo de sorrir.

— Como acabaste de mostrar, parece que não levas nada do que dizemos a sério e parece que não ligas nenhuma aos sentimentos da tua irmã...

— Papá, isso não é *nada* justo. A Britta deu tampa ao Joel há mais de dois meses. Ele está livre. Solteirão. São essas as regras dos namoros... — Ao ver as caras deles, tenho mesmo de me calar.

— Sabemos que só queres ser engraçada, Kat — diz a minha mãe —, mas tu magoaste a Britta esta noite.

*Ha, ha, ha!* Tenho de me rir. Muito baixinho. Na minha cabeça. Foi a Britta quem disse ao namorado que eu era estúpida. Com a Mamã a olhar para mim, lembro-me de todas as vezes em que a Britta me chamou Doida Varrida, Parva ou, se a *Pinky* estiver ao meu colo, Malucas à Solta. Ela até insulta a minha gata, e a mãe e o pai deixam-na porque estão sempre a rir-se com ela.

— Portanto chegámos a uma decisão sobre a viagem à América. — O meu pai deixa de andar de um lado para o outro e fica espedado diante de mim, com as pernas a um metro de distância. Os pelos estão literalmente a rastejar-lhe pelas pernas abaixo como se tentassem fugir dos calções.

— Devias ir à depilação, Papá. *A sério*, há montes de homens a fazer isso agora.

— Tomámos uma decisão — diz ele, sem me ligar nenhuma. — Não te podemos deixar aqui com a Britta. Um mês inteiro, não. Não é justo esperar que ela tome conta de uma adolescente selvagem.

— Então o que é que vão fazer comigo?

Nas férias grandes, o meu pai vai levar a minha mãe numa viagem de negócios aos Estados Unidos. Aparentemente, esta é a «segunda lua-de-mel» deles mas, se é que fiz bem as contas, vai ser a «sétima lua-de-mel» deles. A Britta é que vai ficar a tomar conta de tudo, ou seja, posso fazer o que me der na real gana durante um mês. Ora, se não me deixam ficar, deve querer dizer...

— Vão levar-me com vocês? — pergunto. — Verão em Los Angeles... Seria fantástico!

— O quê? — pergunta o meu pai, confuso. — Não, claro que não te vamos levar connosco. Decidimos que vais ficar com a Tia — juro que ele faz aqui uma pausa, a dar-me oportunidade para considerar todas as hipóteses pavorosas de tias: a Tia Christie em Portsmouth, que usa *leggings* e tops curtos, a Tia Joanna na Ilha de Wight, que é bruxa (literalmente, é o *emprego* dela), ou a Tia...

— Frida — diz a minha mãe, rematando a frase. Frida, a minha tia sueca, que mora em Estocolmo, e que adora nudez.

— Mas — balbucio, tentando perceber o que isto significa —, vou passar o verão *inteiro* sem ver as minhas amigas.

— Bem — diz o meu pai, cruzando os braços com ar presunçoso —, devias ter pensado nisso antes de ficares *íntima* do namorado da tua irmã.

— Ex-namorado — resmungo, mas finalmente decidido calar-me. É um castigo muito grave e, se não quiser morrer literalmente de tédio, ABBA e arenque em pickles neste verão, tenho de me esgueirar *depressinha*.



— Olha — diz a Bea. — Um avião!

A Betty debruça-se no meu assento e as duas espreitam pela janela, vendo o avião a voar baixinho sobre a autoestrada.

— Betty, estás a esmagar-me — queixo-me.

— Desculpa. — Ela recosta-se no assento. — Mas viste as rodinhas a descer? Eu nem nunca andei de avião. Isto é empolgante!

— Alguém quer passas? — pergunta a Bea, debruçando-se para a frente e oferecendo a embalagem à minha mãe e ao meu pai. — Também tenho bolachinhas de queijo.

Quando as minhas amigas disseram que queriam ir ao aeroporto despedir-se de mim, não estava à espera de que o dia fosse divertido para elas. A minha mãe pega numa mão cheia de passas e começa a enfiá-las na boca do meu pai.

— Era um avião da Scandinavian Airlines, Kat. Pode ser o que vais apanhar.

— Não me deprimas, Mamã.

— Ouçam, malta — interrompe o meu pai. — Não adoram esta canção?

Sem esperar resposta, ele aumenta o volume e junta-se à Adele a cantarolar *Someone Like You*. Coisa mais irritante, a Bea e a Betty alinham, e o meu pai aumenta ainda mais o volume da música.

Recosto-me no assento e tento controlar a sensação doentia que se avoluma no meu estômago. Não posso crer que os meus pais estejam mesmo a fazer-me uma coisa destas! Tenho medo de andar de avião, especialmente da descolagem, mas saber que não vou ver as minhas amigas um mês inteiro ainda é pior do que a ideia de estar nove mil metros acima do chão. Os meus pais não compreendem. Estão sempre a dizer que posso falar com a Bea e a Betty ao telefone e por SMS, mas vou ter tantas saudades delas!

Um camião ultrapassa-nos, enche a janela de água cinzenta e faz o carro tremer. Está a chover desde que

saímos de casa, e o carro agora está cheio de condensação. A Betty está a desenhar um fantasma boneco animado na janela. Depois junta um balão de fala. Agora o fantasma diz «Adeusinho!».

Devo estar com ar triste, porque a Bea se chega a mim.

— Vai correr bem, Kat.

Não sei se vai. Na parte da frente, vejo o meu pai a pôr a mão na perna da minha mãe.

— Papá — digo eu —, *por favor* não te metas com a Mamã à frente das minhas amigas!

— Não consigo tirar as mãos de cima dela. — E aperta a perna da minha mãe.

— Eu acho os teus pais uns fofos juntos — diz a Bea, num sussurro. Ficamos a ver a minha mãe pôr a mão em cima da do meu pai e fazer força na perna. — Oh — faz a Bea. — Já não é fofo.

— A sério, vocês dois, parem com isso. Já não basta eu ir para a Suécia, ainda tenho de vos ver *nos meles* a caminho do aeroporto.

— Se tu não tivesses estado *nos meles* com o namorado da tua irmã, já não ias para a Suécia — diz o meu pai, mostrando má cara pelo espelho retrovisor.

— Ex-namorado — digo, em tom cansado —, e não estávamos *nos meles...* pelo menos, eu não.

— O Joel beijocou a orelha da Kat... — diz a Betty. — Ela nem sequer gostou. Disse que mais parecia que

ele lhe estava a lavar a orelha *com a língua!* — De repente, o carro dá uma guinada quando o meu pai larga a perna da minha mãe e agarra bem no volante.

— Não estás a ajudar nada, Betty — digo eu, mas ela não me ouve.

— Avião! — exclama ela. — Acho que até vi o piloto!



— Portanto — diz o meu pai —, é hora da despedida?

Eu já fiz o *check-in* e estamos em pé junto às barreiras eletrónicas antes da segurança. Até agora, a Bea e a Betty têm-se esforçado por me distrair. A Betty até me empurrou em cima de um carrinho desde o estacionamento, a fingir que eu era um bebé gigante.

— O teu avião parte daqui a cerca de uma hora — acrescenta o meu pai, olhando para o telemóvel.

Por conseguinte, isto está mesmo a acontecer. Só quando a minha mãe começou a falar comigo em sueco, e quando uma mala apareceu no meu quarto, é que assimilei que eles iam mesmo prosseguir com o plano da Tia Frida. Uma mala de viagem... *uma* mala? Eu disse à minha mãe que precisava de três: uma para a roupa, outra para produtos e acessórios, outra para tecnologia, mas ela riu-se e disse que o barco da Frida era pequeno demais para albergar tanta tralha.



— Não quero ir — digo eu.

A Mamã e o Papá entreolham-se. Já fizemos isto tantas vezes. A minha mãe só me diz que me vou divertir muitíssimo com a Frida. Ela deve ser muito fixe. É designer de joias e mora num barco-casa espetacular em Estocolmo mas, sem as minhas amigas, o barco da Frida mais vai parecer uma prisão. Uma prisão com montes de mobília da IKEA e uma guarda que anda por lá toda nua.

— Anda cá — diz o meu pai. — Dá lá um abraço ao velhote.

— Mas quem é que vai fazer o *smoothie* para o pequeno-almoço da Britta? Eu sou a única que sabe fazer. E nem por sombras ela vai regar as plantas. — Ele abraça-me. — Tenho mesmo de ir? — pergunto, mas ele nem me dá resposta.

A seguir, escondo a cara no ombro de caxemira cinzenta da minha mãe. Ela cheira a limões. Não quero largá-la, ela é tão macia. Quem me dera que ela não tivesse encontrado o cardigã na minha mala e o tivesse tirado de lá. A toda a nossa volta, as pessoas passam, a puxar tróleys e crianças excitadas. Tirando eu, toda a gente parece animada, como se partisse para uma grande aventura. Por cima do ombro da minha mãe, a Bea faz-me um sorriso como quem diz, «Coragem» e a Betty deita-me a língua de fora e pisca-me o olho. Só de ver a Betty com o gorro cor-de-rosa faz-me agarrar ainda mais à Mamã.

Foi ela própria quem o tricotou e, embora diga que é um queque, parece muito mais uma maminha. Ela não devia mesmo nada ter tricotado uma cereja vermelha no topo.

— É uma questão de confiança, querida — diz a Mamã, fazendo-me festinhas no cabelo —, e de saber que vais ter juízo.

— Mas Mamã, eu tenho juízo. — Ela afasta-me, olha bem para o fato-macaco e as botas de salto alto, a trança despenteada, as missangas e braceletes. — São botas confortáveis, Mamã. Tu sabes que são. Estás sempre a pedir-mas emprestadas.

— Estás linda — diz ela, a rir-se. — Só não é muito prático para andar de avião.

*Nem o que a Britta trajaria*, penso eu. Embora ela só tenha 18 anos, tem sempre autorização para sair, para fazer triatlo ou acampar. Quando vai de viagem, enfia umas calças com os bolsos cheios de toalhetes e de pensos rápidos. Fica com umas pernas *enormes*.

— Se me deixares ficar, prometo não esconder rapazes no roupeiro. — Com isto, a Betty sorri e eu quase sorrio também. — Nem sequer lá ponho roupa... nem falo com rapazes nenhuns... nem sequer *olho* para rapazes. Não é que eu tivesse farras homéricas planeadas. — Mas tinha. Tinha em mente uma festa de pijama monstruosa para a próxima quinta-feira.

— A Kat detesta rapazes e farras — diz a Betty, com ar sério, mas depois estraga tudo a rir-se loucamente e a Bea alinha logo.

— Desculpa — diz a Bea —, é giro porque tu adoras farras *mesmo* e, bem...

— Rapazes? — Sugiro eu.

— Pois.

— Lamento, raparigas — interrompe o meu pai —, mas já está tudo tratado. Vamos ter uma folga descontraída e a Kat vai ter um verão maravilhoso na Suécia.

— A Frida é doida. Não me obriguem a viver com ela e a roupa de camponesa e a música ambiente. O barco dela até abana quando passam navios de cruzeiro. Vou ficar enjoada!

— São horas de ir — diz o meu pai com firmeza. Depois junta as mãos com um estalo e pergunta às minhas amigas: — Quem está com fome? Quem quer sushi?

— Eu nunca comi sushi — diz a Betty.

— Vais adorar — diz o meu pai —, e eu quero frango *katsu*.

Lanço-me nos braços da Bea e da Betty para um último abraço.

— Vocês não podem comer frango *katsu*. É o meu preferido. Morro de ciúmes.

— Frango *katsu*, nem pensar — diz a Bea.

— Apetece-me tempura de vegetais — diz a minha mãe, já à procura de um YO! Sushi —, e talvez um belo copo de vinho de ameixa.

— Mamã, eu ainda não me fui embora. Não comeces já a festejar.

— Não te aflijas — diz a Bea. — Não acontece nada na nossa terrinha. Não vais perder nadinha.

— Vocês não podem divertir-se na minha ausência. Só podem andar com os vossos namorados chatos e serem chatas. — Por momentos, fico siderada pela injustiça total de a Bea e a Betty terem namorado, ao passo que eu, alguém que envidou grandes esforços para estudar o sexo oposto e ter ótimo aspeto, nunca sequer namorei com ninguém. Nem um único dia. A Betty tem na cabeça uma maminha tricotada e tem um namorado normal, simpático... e perdido de bom. Isto *não* é coisa que se faça.

— Podemos ir a Brighton? — pergunta a Bea.

— Não.

— À praia? À feira? À *Lush*? — continua ela.

— Não, não e não!

— E ao KFC? — pergunta a Betty.

— Pronto, só ao KFC.

Nisto o meu pai encosta o meu cartão de embarque à barreira, as portas deslizam e, sem me aperceber do que faço, avanço e as portas fecham-se atrás de mim. Não

posso parar nem acenar porque sou, imediatamente, encaminhada por uma agente de segurança.

— Ponha aqui os seus pertences, se faz favor — diz ela, passando-me um tabuleiro de plástico. Olho para trás; já se estão todos a ir embora. — Tem líquidos acima dos cem mililitros?

— Isso é quanto? — pergunto. Ela suspira e mostra-me um frasco de plástico meio cheio de água, e depois agita-o. — Hum, talvez umas coisas — respondo. — Perfume, creme hidratante... A água para refrescar o rosto também conta? — Vejo-a franzir os olhos e acenar com a cabeça. — *Coca-Cola*? — Mostro a garrafa meio bebida.

— Parece-me melhor abrir a mala.

Enquanto a segurança que mete medo remexe na minha mala, tento ver ainda a minha mãe e o meu pai. Já desapareceram numa esquina, mas a Bea e a Betty deixaram-se ficar para trás e acenam-me que nem doidinhas, o aceno das Joaninhas: polegar para dentro e quatro dedos a adejar.

Inventámos este aceno ainda no pré-escolar. Éramos quatro no gangue de Joaninhas espantosas: eu, a Bea, a Betty e a Pearl. Não convidei a Pearl para vir ao aeroporto despedir-se porque a Bea e a Betty praticamente a detestam. Têm boas razões para isso e acho que eu também tenho, mas a vida nunca é aborrecida com a Pearl por perto. Mexo os dedos, retribuindo

o aceno à Bea e à Betty. Ouço tossir forte e viro-me para a frente.

— O que é isto?

— Sêrum — respondo. — Montes de gente pensa que não se pode usar sêrum quando se tem pele oleosa, mas não é nada assim. É da *Clinique* e é muito hidratante. Devia experimentar. É bom para os poros dilatados. — É largado no caixote do lixo com um baque e até sinto um nó na garganta. A seguir, ela pega no meu boião de manteiga de amendoim. — Eh, lá! — exclamo. — Isso não é *líquido* nenhum.

— Nada de cremes, compotas ou conservas. — *Clânc.* Caixote com ele.

Quando me viro outra vez, eles já desapareceram. Procuro o gorro maminha cor-de-rosa da Betty. Nada. Foram-se embora.

— Menina? Passe pela arcada da segurança, se faz favor.



O meu avião está parado no início da pista, com os motores no máximo, a momentos da descolagem. Olho pela janela molhada da chuva e tento não pensar no que está para acontecer. Não consigo imaginar como é que este avião enorme, cheiinho de crianças aos gritos

e gente de férias, vai fazer-se ao ar. Também não ajuda que o homem sentado ao meu lado tenha levado as mãos à cabeça.

O avião avança com um safanão e ganha velocidade. De repente, só me lembro do SMS da Pearl. Recebi-o mesmo antes de desligar o telemóvel: **Espero que não morras! Ha ha ha!!** Agora já avançamos mais depressa por cima das lombas, e a pressão obriga-me a encostar no assento. Os motores começam a trovejar. Respiro fundo várias vezes e agarro-me bem aos apoios de braços. Mais depressa. Mais depressa. Nisto, a frente do avião sobe e, embora pareça impossível, estamos no ar, no ar, no ar, e chegamos ao céu!

— Oh, Deus — geme o homem sentado ao meu lado, o qual, a propósito, tem um colete, e claramente não tem físico para trajar colete. Se nos despenharmos, a última coisa que hei de ver serão os braços brancos e magrinhos dele. O avião guina dramaticamente para a esquerda, eu olho para baixo, para o aeroporto que nunca mais acaba, os milhares de carros no parque de estacionamento, a autoestrada que serpenteia como um rio. Os meus pais e as minhas amigas estão lá em baixo algures, talvez a caminho de casa, talvez a cantarolarem ao som da Adele.

Faço força com os dedos na janela e tento adivinhar qual é o carro minúsculo a levá-los cada vez mais para longe de mim.



— Kat! Kat! Kat! — Por entre os magotes de passageiros, vejo a Tia Frida avançar para mim. Consegue espremer-se entre uma velhota sentada na mala e um casal a abraçar-se. O vestido comprido bordado da minha tia e o seu cabelo emaranhado parecem deslocados neste aeroporto moderno. — *Hej!* — exclama ela, puxando-me para um abraço. Fico esmagada contra o colar dela, de sua autoria, uma corrente de bolotas e gravetos prateados.

— Cá estás tu — diz ela, largando-me finalmente. Tem a cara limpa e brilhante e cheia de sardas. — Então a mamã e o papá mandaram-te divertir loucamente com a Tia Frida?



— Acho que a ideia é tu garantires que eu não me divirto nada loucamente.

— Ha! — cacareja ela. — Eles vão ver. — Ela tira-me a mala e avança para a saída. — Anda lá, vamos sair daqui para fora.

O aeroporto de Estocolmo está cheio de luz; o sol espraia-se pelas janelas do chão ao teto e cheira-me a café e bolos; cheira sempre a café e bolos na Suécia. A Frida vai à minha frente, quase a saltitar, e é quando reparo que ela não traz nada calçado. Tento apanhar-lhe o ritmo.

— Para que são os pés descalços, Frida?

— Fico ligada à terra, sabes? — Ela olha para trás e sorri. — Quando ando descalça, sinto-me uma deusa. Devias experimentar!

— Nem pó.

— Aflige-te pisar alguma coisa?

— Não. Só *adoro* sapatos — respondo. Com isto, ela ri-se.

— Talvez um verão passado comigo venha a mudar isso tudo.

— Não sei — digo eu, e custa-me acompanhá-la com estes saltos de sete centímetros —, eu adoro mesmo sapatos.



Umás horas depois, estou a tomar banhos de sol no tombadilho do barco da Frida, água de coco numa mão e a revista *Grazia* na outra. O céu é azul-turquesa, polvilhado de nuvens, as ondas batem contra a lateral do barco, fazendo tilintar os cubos de gelo. O centro histórico de Estocolmo estende-se diante de nós, com as suas casas pintadas num arco-íris de cores. Há uma casa azul acinzentada que me agrada particularmente. Há séculos que ando à procura de um colete daquela cor.

A Frida está sentada ao meu lado, com as pernas na posição de lótus, e olha para o espaço.

— Ando mesmo numa de nuvens, Kat. Estou feita uma *aponta-nuvens*. — Ela bebe um golinho da sua bebida. — Olha para aquela acolá. — Depois aponta para o céu. — A nuvem parece...

— Algodão? — sugiro. — Uma ovelha?

— Estava mais a pensar em dois cavalos-marinhos a beijarem-se?

— Pois, talvez. — Enquanto a Frida aponta nuvens, eu aponto modas. — Não adoras estes brincos? — Viro a revista e seguro-a para ela ver. — Olha, quando é que podemos ir às compras? Quando vim cá com a minha mãe no ano passado, fomos a uma loja em que as roupas eram *todas* brancas.

— Bem, acho que temos de ir em breve, antes que as lojas fechem.

— Posso esperar até amanhã — digo, reprimindo o impulso de me levantar de um salto e pegar nas minhas coisas.

— Amanhã apanhamos o barco bem cedo. Quero estar no primeiro que sair para Stråla.

— O quê? — Sento-me na espreguiçadeira e o horizonte de Estocolmo até treme. Apontar nuvens e apanhar sol desta maneira devem ter-me subido à cabeça. — Aonde é que vamos amanhã?

— À ilha de Stråla. Quero apanhar o barco que sai às oito.

— Amanhã vamos para uma ilha?

— Não sabias? — A Frida pousa o copo que tem na mão. — Kat, estás a dizer-me que a tua mãe não te falou de Stråla?

— Frida, não sei de que é que estás a falar.

— A tua mãe não tem remédio — diz-me ela, a rir-se. — Stråla é a ilha mais bonita do mundo. — Ela arregala os olhos. — Tão tranquila. Completamente isolada.

— Isolada? Muito isolada?

— Vamos demorar mais de três horas a lá chegar. Fica a quilómetros de distância, no arquipélago. Uma das ilhas mais distantes.

— Há lojas? — pergunto eu. Para ser sincera, já me está a soar a uma excursão que vai ser uma tremenda seca.

— Claro! Uma loja de aldeia maravilhosa que vende os *melhores* bolinhos de canela.

— Há cafés... restaurantes... gente?

— Há um café e pouca gente — responde a Frida, a rir-se —, mas tu vais adorar, Kat. É tão relaxante. Fui lá no ano passado, e foi *transformador*. Quando voltei para Estocolmo, marquei imediatamente a cabana para o verão inteiro.

Deixo cair a revista no chão e tiro os óculos de sol.

— O verão *inteiro*?

— Isso mesmo. O isolamento enche-me de energia criativa. Vou continuar a fazer joias enquanto lá estiver.

— Então e eu, Frida? Tu sabes que eu vim para ficar contigo, tipo, *semanas*.

— Tu ficas comigo... em Stråla.

— Um mês inteiro? — pergunto eu. Já sinto a nuca a transpirar.

— Isso mesmo. — O sorriso dela esmorece. — Estou mesmo admirada que os teus pais não te tenham dito, Kat, pois deviam.

— Pois — digo eu —, pois deviam. — Ela pega na minha mão. Sinto-me doente. — Mas o que é que hei de fazer o dia todo? — Penso nas férias de família que já passámos na Suécia, no campo. — Nadar? Dar passeios?

— Exato! Toma. — Ela mexe dentro da mala e tira uma brochura amarrotada. — Trouxe quando estive lá.

Podes ler tudo sobre Stråla e ficar mais animada. Vai ser uma aventura!

Na frente da brochura está uma fotografia que mostra a silhueta de uma pessoa em pé em cima de uma rocha, a ver o mar, com o sol a pôr-se no horizonte. *Stråla; a Ilha Serena*, leio. Folheio as páginas. Os meus pais sabiam que a Frida ia passar o verão em Stråla e enganaram-me para vir à Suécia só para se verem livres de mim. Devem ter achado que eram muito espertos a mandar-me para uma ilha pequenina e, presume-se, livre de rapazes... ou se calhar nem pensaram muito nisso.

O que me fizeram é pior, muito pior, do que esconder um rapaz dentro do roupeiro.

— Tem bom aspeto, não tem? — A Frida está de sobrolho franzido. Já lhe estou a estragar o verão.

— Tem. — Levanto os olhos das imagens de mar, árvores, vacas e mais mar. — Na brochura diz que podemos «apanhar cogumelos» e «dar a volta à ilha para ver ovelhas e vacas».

— Não podemos apanhar cogumelos porque não é época deles, mas ovelhas e vacas não hão de faltar.

— Lindo — digo eu. Até gosto bastante de cogumelos. A Frida põe-se de pé.

— Não te rales — diz ela, e faz-me levantar também. — Vamos lá cansar-te de lojas para ficares ansiosa por chegar a Stråla amanhã.

Regra geral, adoro fazer compras e gosto particularmente de me preparar para ir às lojas, imaginar as roupas que vou ver, as cores, os tecidos, a ideia de encontrar algo que me assente como uma luva. Porém, quando enfio o vestido por cima do biquíni e procuro pela carteira, sinto-me pesada. A ideia de fazer compras alegra-me sempre. Porque é que hoje não está a fazer efeito? Encontro a carteira e verifico se lá tenho o cartão de crédito que a minha mãe me deu. Disse que era só para «emergências».

— Estás pronta? — A Frida já está em cima da prancha.

— Vamos embora — respondo-lhe, guardando a carteira dentro da mala. *Adivinha lá, Mamã? Vou passar um mês numa ilha pequenina a ver vacas.* Para mim, isto é a definição de emergência.



Não consigo dormir. O barco da Frida está num ancoradouro concorrido cheio de restaurantes e bares. As gargalhadas e a música criam um misto irritante com os espanta-espíritos descontrolados da Frida. Geralmente, adoro adormecer no barco dela, que é muito acolhedor, mas, esta noite, estou sempre a sobressaltar-me com as risadas. Está *tanto* calor — aparentemente, está a começar por aqui uma onda de calor —, que eu estou deitada em cima da cama, a transpirar, de cuecas

e camisola de cavas. Abri as janelas o mais possível, mas o ar que entra é quente e tresanda a gasóleo.

A Frida esforçou-se por me proporcionar um serão bom. Depois de muitas compras, onde arranjei uns calções de cintura subida para emergências, óculos de sol amarelos, batom brilhante, rímel à prova de água, um chapéu de palha e um porta-chaves com um trol (para a Betty), ela levou-me a um café elegante cheio de raparigas que mais pareciam modelos e homens com bigodes da moda. Foi amorosa. Não era o tipo de sítio que ela frequentasse, mas eu adorei. Sentámo-nos na esplanada, nuns cubos de couro preto, a beber chá gelado. Depois de uma refeição num tailandês, voltámos para o barco, já que a Frida tinha de terminar de fazer as malas.

Há pouco, tentei ligar aos meus pais, mas tinham os telemóveis desligados. Devem estar no avião a caminho de Los Angeles. A Britta também não atendeu e acabei de passar a última hora a mandar SMS desesperados às minhas amigas. Depois de lhes contar que os meus pais me condenaram a um verão de tédio tremendo em Stråla, elas têm tentado animar-me. Por exemplo:

Betty: **Aposto que Stråla tá cheinha de deuses nórdicos louros e perdidos de BONS a comerem almôndegas e a mirarem o teu biquíni!**

Eu: **Aposto que não.**

Bea: **Procurei Stråla no Google. Fantabulosa. É linda!**

**Tem umas vacas com os maiores olhos castanhos de SEMPRE!**

**Pearl: Cala-te e vai trabalhar para o bronze. Ao menos não ficaste entalada nesta treta.**

Já lhes disse que vou telefonar todos os dias para não me sentir desamparada. O barco balouça levemente de um lado para o outro. Viro a almofada quente e olho para o telemóvel. Não há mensagens novas. Batem à porta e a Frida espreita para dentro.

— Ainda estás acordada, Katrina?

Só a minha família sueca me trata assim.

— Está tanto calor — digo eu, abanando os braços acima da cabeça.

— Vai haver uma brisa amorosa em Stråla. — Cogumelos, vacas, ovelhas... e uma brisa! A Frida encolhe-se toda para passar pela minha mala de viagem enorme e senta-se na ponta da cama, com os braços à roda dos joelhos. Tem vestida uma camisola de pescador volumosa e a cara tem um tom verde estranho por causa das luzes do ancoradouro. — Só vim dar-te as boas noites — diz ela —, e lamentar que te sintas tão triste.

— A culpa não é tua.

Apetece-me dizer-lhe que não tenho vontade nenhuma, que não consigo imaginar o que farei a cada dia, que já tenho saudades de casa, que estou mesmo fisicamente enjoada... mas, se o disser, ainda desato



a chorar. Puxo a almofada mais para mim e ouvimos um casal a discutir em sueco lá fora. Não consigo perceber tudo, mas tem que ver com ele «a fazer festinhas à Astrid».

— Olha — diz a Frida, dando-me palmadinhas nas pernas. — Não é o que estavas à espera mas, por vezes, é quando acontecem as melhores coisas. A magia acontece em Stråla.

— Não acredito em magia — resmungo eu.

— Isso é porque tu nunca estiveste em Stråla! — Os olhos dela cintilam. — E pode ser que o Leo lá esteja. Vais gostar dele.

*Leo.* Uma palavra, e não preciso de mais nada. Sento-me logo na cama.

— Quem é o Leo?

— Um rapaz que conheci da última vez que lá estive, um pouco mais velho do que tu, parece-me. A família faz férias em Stråla.

— Como é que ele é? — pergunto, não conseguindo esconder a réstia de esperança patética que estou a sentir.

— Sabes, ele é... — A Frida hesita, à procura da palavra certa — *ypperlig*.

*Ypperlig.* Uma daquelas palavras esquisitas que não têm propriamente equivalência. A minha mãe aplica-a ao meu pai. Significa «perfeito» da maneira certa. A mulher delira, só pode.

*Leo ypperlig*, por outro lado...

— Além disso — continua a Frida, ajoelhando-se na minha cama para espreitar pela portinhola —, daqui a uns dias vai ser lua cheia e depois, gradualmente, vai desaparecer até ficar completamente escondida. Espantoso! — Ela olha outra vez para mim. — É um tempo de novos começos, Kat, de crescimento e amor. Chama-se lua *negra*. Não é lindo?

Ela ajoelha-se mais acima na cama, tentando ver melhor pela portinhola. Vê-se o rabo dela cor-de-rosa pálido por baixo da camisola volumosa.

— Frida, acho que estou a ver... Acho que vejo a lua negra!

— O quê? Onde? — Ela enfia mais a cabeça pela portinhola.

— Agarrada à parte de cima das tuas pernas, destapada por umas *cuecas* como deveria estar.

— Ah! — A Frida ri-se. — Está calor demais para roupa interior.

— Mas estás de camisola vestida.

— Não te queria deixar encabulada — diz ela.

— Obrigadinha.

— Na boa. — Ele levanta-se, espreguiça-se a ponto de me encabular, e dirige-se para a porta. — *Godnatt måne* — diz. É o que a minha mãe me diz sempre ao deitar.

— Boa noite, lua — retribuo.

Assim que ela se vai, voltam as saudades. Viro-me na cama dura e penso na minha casa. Regra geral, a Britta é a última a deitar-se. Depois de terminar os trabalhos da faculdade, vê televisão até tarde para descontraír. Agrade-me ouvir o som abafado da televisão. Por vezes, se ela estiver a ver alguma coisa engraçada, ouço-a rir-se. Ela tem um riso muito esquisito, a resfolegar.

Até tenho saudades da *Britta*. Tento não pensar na camisa de dormir horrorosa que ela usa desde os 12 anos, ou na maneira como rói as unhas como se fossem bolotas porque, sabe-se lá porquê, ainda me sinto mais triste. Em contrapartida, penso no encontro com o Leo Ypperlig. Imagino-me deitada numa praia, a apanhar sol com o meu biquíni da *Roxy*, e uma sombra a cair sobre mim. Espreito por cima dos meus óculos de sol (amarelos e novos) e vejo um deus nórdico alto e louro.

— Sou o Leo — diz ele, fitando-me. É evidente que me acha belíssima. É amor à primeira vista.

O barco abana e, de repente, a fantasia com o Leo passa a ser a Britta em camisa de dormir. Chatice. Substituo a camisa de dormir por calções compridos e peitaça musculada e faço-o dizer, «Precisas de ajuda com o bronzeador?». Mas, nisto, o Leo desata a roer as unhas e a resfolegar de riso, e eu desisto de tentar controlar a mente e deixo-me adormecer.

## UMA HISTÓRIA IRRESISTÍVEL E HILARIANTE SOBRE AMIZADE, AUTOCONFIANÇA E CORAGEM.

A Kat traiu a confiança dos pais, que agora a querem enviar para a Suécia para passar o verão com a sua tia Frida. Mas a Kat não quer acreditar que isso possa ser verdade — não é possível sobreviver tantos dias sem as amigas! E quando percebe que a tia a vai levar com ela para uma ilha quase deserta, sem rede de telemóvel e sem lojas para fazer compras, tem a certeza de que o verão será uma tremenda seca. Se ao menos pudesse alisar o cabelo todos os dias e estar a par das últimas tendências da moda...

Mas então a Kat conhece o Leo — um «deus sueco» alto e louro —, e percebe que há, afinal, muito mais para descobrir nestas férias, e que terá primeiro de se aceitar tal como é para encontrar a sua força interior.

Só assim poderá conquistar o que mais deseja.

**Será que a Kat vai ter coragem de mergulhar de cabeça no desconhecido?**

LÊ  
TAMBÉM:



 livros que saltam à vista 20 20 editora	ISBN 978-989-8843-80-7 12+  9 789898 843807
	Literatura Juvenil